

HOMOFOBIA E A PRÁTICA OPRESSORA NATURALIZADA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

HOMOPHOBIA AND NATURALIZED OPPRESSIVE PRACTICE: A CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS

Márcio Evaristo Beltrão¹
Solange Maria de Barros²

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar os enunciados de um professor da educação básica da cidade de Cocalinho-MT sobre a homossexualidade. Buscamos identificar traços ideológicos por meio do arcabouço teórico da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992; 2001; 2003a), com o instrumental de análise da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1985; 1994). Para analisar o significado representacional, utilizamos a categoria interdiscursividade. Conceituamos as questões relacionadas a gênero, sexualidade e homofobia, utilizando, principalmente, os estudos de Rios (2009), Louro (2000; 2010) e Borrillo (2009). Os resultados apontam para a presença de discursos que contribuem para o fortalecimento da homofobia como prática opressora naturalizada, como o discurso de silenciamento das diversidades, do discurso heteronormativo e do discurso de família nuclear. Alvitramos uma reflexão, com o objetivo de desconstruir esses discursos para que todos possam usufruir de deveres e direitos, sem medo de sofrerem com o preconceito físico e psicológico.

PALAVRAS-CHAVE: Homofobia; Análise Crítica do Discurso; Interdiscursividade.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the statements of a teacher of basic education in the city of Cocalinho-MT on homosexuality. We seek to identify ideological traits through the theoretical framework of Critical Discourse Analysis (Fairclough, 1992; 2001; 2003a), with the instrumental analysis of Systemic Functional Linguistics (Halliday, 1985; 1994). To analyze the representational meaning, we use the interdiscursivity category. We conceptualize gender, sexuality and homophobia using mainly the study of Rios (2009), Louro (2000; 2010) and Borrillo (2009). The results point to the presence of speeches that contribute to the strengthening of homophobia as naturalized oppressive practice, as the silencing of diversity discourse, the heteronormative discourse and the nuclear family discourse. We make a reflection, to deconstruct these discourses for everyone to enjoy rights and duties without fear of suffering with the physical and psychological prejudice.

KEYWORDS: Homophobia; Critical Discourse Analysis; Interdiscursivity.

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

E-mail: marcioevaristobeltrao@hotmail.com

² Professora titular do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

E-mail: solbip@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva analisar os enunciados de um professor do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da rede pública da cidade de Cocalinho-MT sobre a homossexualidade. Buscamos identificar traços ideológicos de discursos por meio do arcabouço teórico da Análise Crítica do Discurso (ACD) (FAIRCLOUGH, 1992; 2001; 2003a), com o instrumental de análise da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1985; 1994). Para analisar o significado representacional, utilizamos a categoria interdiscursividade. Conceituamos as questões relacionadas a Gênero, sexualidade e homofobia, utilizando, principalmente, os estudos de Rios (2009), Louro (2000, 2010) e Borrillo (2009).

As seções deste trabalho estão divididas da seguinte forma: uma breve conceituação sobre a homofobia, um percurso teórico da ACD e da LSF, a contextualização da pesquisa, a análise de dados e as considerações finais sobre a discussão realizada.

A HOMOFOBIA

O termo homofobia foi inicialmente cunhado no discurso acadêmico pelo psicólogo norte-americano George Weinberg, no ano de 1971, em que a palavra *homosexualphobia* – união do prefixo *homo* (que remete à palavra homossexual) com a palavra grega *phobos* (fobia) – foi utilizada para designar medo ou aversão de estar no mesmo lugar ou em contato com pessoas homossexuais. Borrillo (2009) compreende esse sentido original do termo homofobia como uma manifestação emotiva, uma espécie de fobia comparável a estar próximo de certos animais (zoofobia). Por esse caráter psicológico, o termo surge com alcance limitado em relação às análises sociais, pois se refere mais a sentimentos individuais do que a ações perpetradas por terceiros.

Para Borrillo (2009), a homofobia designa duas dimensões: a pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição aos homossexuais, e a cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto da rejeição é a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. Enquanto a primeira se caracteriza pela condenação da homossexualidade, o que resulta em atos de violência física e psicológica, a segunda funda um saber do homossexual e da homossexualidade baseado no preconceito, reduzindo-os a estereótipos. O autor alerta sobre a complexidade do fenômeno homofobia, pois o mesmo não se dirige apenas aos homossexuais,

mas também ao conjunto de indivíduos considerados desconformes com os papéis sociais pré-estabelecidos. Ao tratar da homofobia como um fenômeno social, Junqueira (2007a) argumenta que a tônica do termo não deve recair apenas na “fobia” e em modelos explicativos centrados no indivíduo e em suas emoções negativas, mas também deve ser considerada como um fator de restrição de direitos à cidadania, um impeditivo à educação, à saúde, ao trabalho, à segurança e aos direitos humanos.

Segundo Rios (2009), essas duas dimensões, pessoal e cultural, correspondem, respectivamente, a duas vertentes ideológicas no campo de debates acerca da conceituação de homofobia: as ideias de “aversão aos homossexuais” (natureza afetiva) e o “heterossexismo” (natureza cognitiva). A primeira é o sentido derivado do sufixo ‘fobia’ do termo, e um dos argumentos divulgados acerca de sua motivação é que sujeitos que a praticam possuem um “grave conflito interno com suas próprias tendências homossexuais, resultantes da projeção de um sentimento insuportável de identificação inconsciente com a homossexualidade” (RIOS, 2009, p. 62). Esse modo de encarar o fenômeno faz surgir a intolerância à homossexualidade. Nessa perspectiva, a homofobia seria combatida, segundo o autor, por meio de

terapias psicológicas objetivando a superação da eventual egodissintonia da homossexualidade que venha a caracterizar certo indivíduo e pelo estímulo ao convívio e ao conhecimento do outro e de sua realidade, visando à superação da ignorância e do preconceito (RIOS, 2009, p. 62).

Por meio dos estudos *queer*, Louro (2000) analisa historicamente como se proliferaram os discursos sobre sexualidade e a necessidade da distinção entre homossexualidade e heterossexualidade. A partir da segunda metade do século XIX, a norma heterossexual foi sendo produzida, reiterada e tornada compulsória por meio das proclamações de diversos grupos sociais (médicos, pensadores, moralistas), em que criavam classificações de sujeitos e de práticas sexuais, determinando o que seria ou não “normal”, “sadio”, “natural” e “correto”. Essa norma que toma a heterossexualidade como universal e os discursos que descrevem a homossexualidade como situação desviante foi denominada, posteriormente, pelo teórico americano Michael Warner (1993), como heteronormatividade. Ela é mantida por uma série de injunções disciplinadoras e disposições de controle destinadas a estabelecer e legitimar padrões normalizantes em relação a corpo, gênero, sexualidade e tudo que lhes diz respeito.

Nessa mesma esteira, Junqueira (2007b) argumenta que a homofobia transcende os

aspectos de ordem psicológica quanto à violência e hostilidade contra os homossexuais, pois ela diz respeito a valores, crenças, mecanismos de exclusão, relações de poder, sistemas de representações, estruturas hierarquizantes e padrões relacionais e identitários que objetivam naturalizar, impor e legitimar uma única forma de gênero e sexualidade, centrada na heterossexualidade.

Segundo Rios (2009), a homofobia viola, de forma intensa e permanente, uma série de direitos básicos – direitos humanos, tanto institucionais quanto constitucionais – dos homossexuais enquanto cidadãos. Essa violação pode se apresentar de várias formas, ocorrendo por meio de situações limites, como agressões físicas e homicídios, ou por meio de formas mais sutis, como as de violência simbólica. As últimas, para Bourdieu (1989), são aquelas exercidas por meio das palavras que negam, oprimem ou destroem psicologicamente o outro, como piadas, comentários, brincadeiras jocosas ou insinuações discriminatórias em relação às pessoas homossexuais ou que se supõe serem homossexuais. Essa forma de violência, conforme Rios (2009), não é menos grave ou danosa que a violência física, pois ela consiste no não-reconhecimento, que se configura em um ostracismo social, no qual se nega valor a um modo de agir, e na injúria, em que interação e autonomia social são impossibilitadas.

A homofobia é um problema social que possui no discurso uma de suas formas de reprodução. Por essa razão, observa-se que o arcabouço teórico da ACD contribui para compreendermos como tal reprodução é mantida e legitimada por meio do discurso. Desse modo, com apoio em suas bases teóricas, pode-se discutir e interpretar as desigualdades sociais, suas formas de manutenção e superação, por meio de ações emancipatórias.

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

O foco principal da ACD é a mudança social a partir da mudança discursiva, pressupondo que uma implica a outra de forma mútua. A ACD se propõe a tornar transparentes os aspectos dos discursos considerados opacos no que tange às desigualdades sociais, o que destaca seu caráter emancipador. Dessa forma, ela é considerada uma teoria e também um método, pois analisa a relação entre discurso e prática social, ligados a concepções teóricas e práticas. Assim, o método é aplicado e se desenvolve no momento das análises, nas quais a teoria é aplicada e utilizada para o desenvolvimento e a elaboração de

questões teóricas, servindo como retroalimentação (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Para van Dijk (2001), a ACD é considerada multiteórica, multimetodológica e transdisciplinar, já que não é apresentado um esquema pronto para se realizarem as análises, pois cada pesquisa determina as escolhas.

A ACD se estabelece primordialmente por três direções: a crítica social, a contemporaneidade e a teoria multimodal de análise de linguagem e de semioses (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Um dos principais focos da ACD é a desigualdade social e a forma como os textos (discursos) são utilizados para denotar poder e ideologias. Entretanto, seu objetivo não se limita a analisar textos buscando investigar as relações de poder, mas também busca encontrar formas de retrabalhar a desigualdade (MARTIN, 2000), propondo mudanças que podem contribuir para que as pessoas vivam de forma mais humana e igualitária.

Ao observarmos o discurso como uma prática não só de representar o mundo, mas de significar, constituir e construí-lo em significado (FAIRCLOUGH, 1992), podemos observar que, ao reproduzir discursos homofóbicos, os professores podem estar contribuindo para a perpetuação do preconceito. Dessa forma, a escolha da ACD como abordagem teórico-metodológica dessa pesquisa, aliada às teorias de formação crítica de professores, é relevante diante da importância de buscarmos mudanças no contexto escolar, que é um dos ambientes em que discursos homofóbicos são mais consolidados (LOURO, 2010), pois ocorrem de forma contínua e geram transtornos e traumas aos alunos.

Para Resende e Ramalho (2006), as categorias analíticas são as formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar, (inter)agir e identificar(se) em práticas sociais situadas. Ao analisarmos um texto por meio delas, é possível mapear sistematicamente relações entre os elementos discursivos e os não discursivos de práticas sociais. Apesar de o texto ‘demandar’ determinado tipo de análise, é o analista crítico de discurso que escolhe as categorias de análise. Neste trabalho, é analisado o significado representacional do discurso, por meio da categoria de análise interdiscursividade, juntamente com a metafunção ideacional.

Fairclough (2003a) relaciona o significado representacional ao conceito de discurso como modos de representar aspectos do mundo, que podem ser construídos de maneiras diferentes, dependendo da perspectiva de mundo adotada. Para ele, dentro de qualquer prática, os atores sociais percebem e representam a vida social, com diferentes discursos e produzindo

representações de outras práticas, assim como representações “reflexivas” de sua própria prática. Essas representações são configuradas, para esses atores, em consonância com o modo como eles se posicionam e são posicionados. Neste trabalho, será analisado o significado representacional nos enunciados de um grupo de professores para compreender quais são suas visões de mundo acerca dos temas homossexualidade e homofobia.

A interdiscursividade é uma das categorias de análise que se relaciona à representação de atores sociais, assim como à articulação de outros elementos da ordem do discurso, como os gêneros textuais/discursivos, os discursivos e os estilos (FAIRCLOUGH, 2001; 2003a). Por meio dessa categoria, é possível identificar os diferentes discursos articulados e a forma com que são articulados em um texto (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003a). Em suas relações, os atores sociais empregam diferentes recursos, como os discursos. Tanto os atores sociais como os discursos podem complementar-se, cooperando, competindo uns com os outros, ou dominando uns aos outros. De acordo com Fairclough (2003a), essas relações dialógicas são um modo em que os textos mesclam diferentes discursos e são estabelecidas pelos textos entre seus ‘próprios’ discursos e os discursos dos outros.

Ao utilizar a interdiscursividade como categoria de análise nesta análise, é possível identificar quais os discursos presentes nos enunciados do docente participante da pesquisa acerca da homossexualidade, como o discurso homofóbico, verificando traços ideológicos do discurso machista, do discurso religioso e do discurso de família nuclear. Essa categoria se mostra importante nesta pesquisa, pois proporcionará subsídio para a compreensão de como estão sendo naturalizados, nas falas dos professores, discursos considerados opressores.

A LSF de Halliday (1994) dá suporte a este trabalho, uma vez que essa abordagem teórica contribuiu para analisar as marcas linguísticas dos enunciados dos professores participantes da pesquisa por meio de suas escolhas léxico-gramaticais, embora não seja o instrumento principal de análise.

A LSF se apresenta como um sistema de significados, ou seja, um sistema que apresenta os padrões semânticos oriundos das necessidades dos falantes de interpretar a experiência humana, pensando e agindo com a língua. Ela se associa a três metafunções: interpessoal, ideacional e textual, que ocorrem de forma simultânea nos textos e permitem que identifiquemos como discurso é organizado. Para Papa (2008), essas três metafunções fornecem explicações do uso da língua partindo das necessidades, dos propósitos do falante

em determinados contextos de situação. A metafunção interpessoal é a característica que a linguagem tem de utilizar para estabelecer trocas e relações entre interlocutor e receptor, cujos papéis são definidos por meio da interação. Por sua vez, a metafunção ideacional se relaciona com a possibilidade que a linguagem oferece de falar sobre o mundo, transmitindo e expressando ideias. Por fim, a função textual relaciona-se à variável de registro (Modo) e se expressa por meio da ordem dos constituintes da oração, atribuindo significado à mensagem.

Para Ramalho (2005), toda sentença em um texto, para a LSF, é compreendida como uma produção semiótica (função textual) que constrói o mundo (função ideacional) e que estabelece relações sociais entre seus produtores e outros atores que ocupam este mundo (função relacional). Nessa perspectiva, segundo a autora, o social é levado ao tecido gramatical da linguagem. A autora afirma que os demais momentos de (redes de) práticas sociais são internalizados pela linguagem, pois a constituição semiótica do social e pelo social está constantemente em questão na análise linguística.

Em *Analysing discourse* (2003a), Fairclough propõe uma articulação entre essas três metafunções e os conceitos de gênero, discurso e estilo. Para o autor, o significado acional aproxima-se da função interpessoal de Halliday (1985) e incorpora a função textual; o significado representacional corresponde à função ideacional e o significado identificacional incorpora traços da função interpessoal. Esses significados podem ser encontrados de forma simultânea em textos, pois estão dialeticamente relacionados, ou seja, cada um internaliza o outro.

A função ideacional proposta por Halliday (1994) e relacionada por Fairclough (2001, 2003a) ao significado representacional também será utilizada nesta pesquisa como complemento de análise dos dados. Essa função, para os dois autores mencionados, corresponde ao significado que a forma linguística assume para representar atores e as ações sociais no discurso e pode, segundo eles, ser identificada por meio da seleção lexical e da transitividade dos enunciados, refletindo eventos, ações, estados, indivíduos e diversos processos da realidade humana. Neste trabalho, ela é utilizada como suporte para analisar os processos e itens lexicais escolhidos pelo professor durante suas falas para argumentar sobre a homossexualidade.

Para Fairclough (2001), é na metafunção ideacional que o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença por meio da representação particular do mundo, ou seja, ela refere-se aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus

processos, entidades e relações (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92). Dessa forma, ela se relaciona com o significado representacional, pois os aspectos do mundo – físico, mental, social – representados em textos podem ser identificados por meio dessa metafunção, que determina as crenças e visões de mundo particular do indivíduo por meio de seus enunciados.

CONTEXTO DA PESQUISA

No dia 06 agosto de 2014, realizamos uma palestra na Escola Estadual Getúlio Vargas, em Cocalinho-MT, para 35 professores da educação básica desse município (21 dessa instituição e 14 de escolas municipais da cidade). Apresentamos vídeos e reportagens escritas em que foram relatadas situações em que alunos e professores sofreram preconceitos por serem negros, mulheres e homossexuais. Nessa palestra, fizemos o convite aos docentes presentes para que participassem do curso em 2015, com o título “Diversidades e Opressões no contexto escolar”. Explanamos sobre como seria o trabalho, o conteúdo, as referências bibliográficas utilizadas, os objetivos e o cronograma dos encontros. No fim da palestra, aplicamos questionários com o objetivo de mapear as opiniões prévias dos professores acerca de assuntos como preconceito, homossexualidade e homofobia.

Um dos professores participantes dessa palestra foi selecionado para ter seus enunciados analisados neste artigo, devido a marcas ideológicas relacionadas à homofobia presente em seus dizeres. Foi possível verificar essas marcas nas respostas coletadas no questionário inicial e nas discussões realizadas durante o curso. O referido docente é graduado em Matemática, especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica e, à época da coleta desses dados, contava com oito anos de carreira docente. Ele tinha 27 anos, era concursado no Estado de Goiás e também no Estado de Mato Grosso, lecionando as disciplinas de Matemática (Ensino Fundamental e Médio) e Física, em ambos os Estados. Ele é branco, casado com uma mulher há 5 anos, tem um filho menor de idade e é evangélico da Igreja Universal do Reino de Deus.

ANÁLISE DOS DADOS

Os recortes foram selecionados do questionário aplicado aos professores antes do início do Curso e serão analisados por meio da função ideacional e depois através da categoria

analítica de interdiscursividade. Para Fairclough (2003a), um mesmo aspecto do mundo pode ser representado por diferentes discursos e textos que podem articular diferentes discursos, por meio de relações harmônicas ou polêmicas.

Segundo o autor, a ação de identificar um discurso em um texto ocorre em duas etapas: identificar as partes do mundo que são representadas e a perspectiva particular em que são representadas. As formas particulares de representação de aspectos do mundo podem ser identificadas por meio de elementos linguísticos, como o vocabulário que, segundo Fairclough (2003a), é considerado o elemento mais evidente para essa identificação porque diferentes discursos ‘lexicalizam’ o mundo de maneiras diferentes.

No questionário aplicado aos professores da Escola Estadual Getúlio Vargas, de Cocalinho-MT, além de questões sobre a vida acadêmica e o perfil profissional dos docentes (formação, tempo de carreira, tempo que leciona na instituição de ensino, situação empregatícia), também foram feitas perguntas relacionadas especificamente ao tema homossexualidade. A última pergunta do questionário foi sobre como eles lidam com os/as alunos/as homossexuais presentes na escola. O professor Sérgio (nome fictício) concedeu a seguinte resposta:

Recorte 1

Aceito a condição apresentada pela orientação sexual dos meus alunos e **procuro** orientá-los para **saber** quando **demonstrar** elas para não sofrerem preconceito, afinal, em alguns ambientes **é preciso se comportar** como **homem e mulher**.

Em relação à metafunção ideacional proposta por Halliday (1994), e ampliada por Fairclough (2001, 2003a) para significado representacional, podemos descrevê-la na fala do professor por meio dos processos verbais de transitividade utilizados. Para ambos os autores, essa função corresponde ao significado que a forma linguística assume para representar os atores e as ações sociais no discurso. Ela pode ser identificada por meio da seleção lexical e da transitividade dos enunciados. Uma das características dessa categoria é a semântica do processo e o papel temático dos participantes.

O docente utiliza o processo material ‘procuro orientá-los’ para indicar sua postura em relação aos alunos homossexuais. O processo mental de cognição ‘saber’, juntamente com o processo material ‘demonstrar’, indicam um comportamento convencional socialmente que deve ocorrer, segundo o sujeito, para que o indivíduo seja respeitado. Por

meio do processo relacional ‘é’ e do processo comportamental ‘comportar’, o docente determina as formas de gênero e sexualidade esperadas socialmente para seus alunos – ‘como homem e mulher’. Ao utilizar os termos ‘homem’ e ‘mulher’ para caracterizar os indivíduos opostos aos homossexuais, o professor reforça o binarismo heterossexual/homossexual, mostrando sua visão de mundo a respeito do que é ser ‘homem’ que, no caso, é ser heterossexual. Na lógica binária, Louro (2010) afirma que um dos perfis é considerado o correto, natural e aceito. Dessa forma, tudo que se distancia dele está sujeito à marginalização, ao preconceito e à exclusão.

Louro (2000), por meio de uma análise histórica da necessidade de distinção da heterossexualidade em relação à homossexualidade, argumenta que os estudos *queer* proporcionam uma reflexão sobre a ambiguidade, a diversidade, a fluidez e a multiplicidade das identidades de gênero e sexuais. A desconstrução do binarismo heterossexual e homossexual pode nos levar a refletir sobre como funciona o processo em que grupos são normalizados e outros marginalizados, ou seja, como se constrói a homofobia.

A análise interdiscursiva no recorte 1 indica a articulação de dois discursos: o discurso de silenciamento das diversidades e o discurso heteronormativo, que dialogam no texto de forma harmônica. No enunciado ‘em alguns ambientes é preciso se comportar como homem e mulher’, o professor expõe uma preocupação sobre seus alunos homossexuais demonstrarem seus gêneros e sexualidades – denominados pelo docente por meio do termo ‘orientação sexual’ – apenas em contextos socialmente considerados permissíveis. Isso demonstra que o sujeito reforça a lógica heteronormativa, em que uma identidade sexual e de gênero é tida como naturalizada, o que proporciona a exclusão das demais formas de gênero e sexualidade.

Pocahy, Oliveira e Imperatori (2009) afirmam que o silêncio expressa a dimensão política do reforço à heteronormatividade, que ocorre por meio da não-enunciação de outros sentidos possíveis acerca do gênero e da sexualidade, os quais revelariam a diversidade das experiências vividas, que restam não ditas, invisíveis. De acordo com os autores, ao ser utilizado como estratégia discursiva, o silêncio em relação à diversidade sexual pode resultar não em uma intenção de calar, mas da deliberada manutenção do discurso heteronormativo, favorecendo a produção e a reprodução de um sentido que se propõe hegemônico, legitimado, inquestionável, normativo. Por esse viés, em sua dimensão política, o silêncio pode produzir efeitos sociais e subjetivos, pois pode reforçar a veiculação de um sentido invariável para o

gênero e a sexualidade, tornando o parâmetro a partir do qual pessoas e grupos sociais passam a se significar e significar os outros.

Apesar de serem fenômenos sociais diferentes, o silêncio sobre diversidade sexual, a homofobia e a heteronormatividade possuem relação de proximidade (LIONÇO e DINIZ, 2009). Para Borrillo (2009), a homofobia é um fenômeno complexo e variado. O autor afirma que ela não é reduzida apenas às atitudes de hostilidade e aversão aos homossexuais, podendo gerar ações de violência física e psicológica. A homofobia atribui aos sujeitos homossexuais um lugar marginal e silencioso, no qual identidades de gênero e sexuais que fogem à norma heterossexual são proibidas de serem vividas socialmente.

Para Flower e Kress (1979), as representações mobilizadas e a forma como elas se encontram relacionadas no interior de um discurso particular constituem uma parte fundamental da maneira como esse discurso se configura no interior das práticas sociais, por meio de uma dialética constitutiva e constituinte de processos sociais mais amplos. Segundo esses autores, o uso da linguagem traz a marca ideológica da sociedade. Por meio da análise interdiscursiva, percebe-se a presença de traços ideológicos do silenciamento às diversidades sexuais na resposta do professor – ‘em alguns ambientes é preciso se comportar como homem e mulher’ – justificada pelo receio de os alunos homossexuais serem discriminados, conforme se lê no enunciado ‘para não sofrerem preconceito’. Esse discurso de silenciamento ocorre de forma constante em nossa sociedade e se prolifera principalmente no contexto escolar (LOURO, 1997).

Para Chouliaraki e Fairclough (1999), em uma perspectiva crítica, os hibridismos discursivos não devem ser vistos apenas como uma questão textual, pois podem constituir também estratégias de luta hegemônica. Eles podem servir, nessa perspectiva, para fins ideológicos, implicando não apenas questões linguísticas, mas também questões relacionadas a poder e ideologia. Nos enunciados do professor, os dois discursos que dialogam de forma harmônica – a heteronormatividade e o silenciamento das diversidades – sustentam uma organização social fundamentada em falsos pressupostos de naturalização das práticas heterossexuais e no caráter desviante de outras práticas.

O recorte 2 ocorreu em uma discussão durante a oitava semana do curso, no dia em que foi trabalhado o texto “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista”, de Guacira Lopes Louro (1997). Nessa etapa do curso, os professores já haviam estudado e discutido textos sobre emancipação humana, ensino crítico-reflexivo e

opressões no ambiente escolar. Após a apresentação dos principais assuntos do texto, os professores refletiram sobre as questões de gênero e sexualidade no contexto em que eles vivem. Nesse momento, o professor Sérgio fez o seguinte comentário:

Recorte 2

Como eu iria explicar para o meu filho se, se eu saísse na rua e víssemos dois homens beijando na boca? **Não teria** como **explicar** que era um casal, é... um casal sabe? Ou uma família também, porque eles **são** do mesmo sexo. Duas pessoas do mesmo sexo **não podem ter filhos** e mesmo que adotem, **não é a mesma coisa**.

Sérgio utiliza o advérbio de negação ‘não’, o modalizador ‘teria’ e o processo verbal ‘explicar’ para indicar que, em sua visão de mundo, dois homens não podem ser identificados como um casal. No mesmo enunciado, o professor utiliza-se do processo relacional ‘são’ para demonstrar que dois homens não podem ser considerados uma família por serem do mesmo sexo, complementando sua justificativa no enunciado ‘não podem ter filhos’. Percebe-se que a função ideacional presente em sua fala é a de que família é constituída apenas de forma biológica, ou seja, por meio da reprodução, pois, para ele, a adoção ‘não é a mesma coisa’ que a reprodução.

Por meio da categoria analítica da interdiscursividade, observa-se a presença do discurso heteronormativo dialogando de forma harmônica com o discurso de família nuclear. Ao afirmar que ‘não teria como explicar que era um casal’, o sujeito reforça a lógica heteronormativa de que apenas pessoas heterossexuais constituem um casal, sendo impensável outra forma de sua constituição, utilizando-se da expressão ‘não teria como explicar’ para demonstrar sua atitude diante do seu filho, ao presenciarem um beijo entre pessoas do mesmo sexo. Louro (2009) afirma que, desde os primeiros anos de infância, os meninos são alvo de uma forte atenção na construção de uma sexualidade heterossexual. Pelo receio de o filho se tornar homossexual, a autora argumenta que os garotos são alertados pelos pais que os interesses sexuais deles devem se dirigir às meninas, sendo proibida outra forma de atração. O fato de o filho do professor ser um menino e a sua argumentação em ‘não teria como explicar que era um casal’, indicam que ele possui essa atenção descrita por Louro (2009) em relação ao fato da sexualidade de seu filho ser heterossexual, e não homossexual ou bissexual.

O discurso de família nuclear aparece na fala de Sérgio por meio da afirmação ‘ou

uma família também, porque eles são do mesmo sexo’. Vianna e Ramires (2009) afirmam que o modelo de família nuclear é aquele constituído por pai, mãe e filho/a. Para as autoras, essa organização familiar é tida como um modelo universal, comum e inalterável. Outras formas de família são vistas como desestruturas e apontadas como uma das principais causas dos problemas escolares dos/as filhos/as. Todavia, o modelo de família nuclear é desprovido de qualquer referência às especificidades culturais e históricas.

No recorte 2, o discurso heteronormativo e o discurso de família nuclear aparecem em um diálogo harmônico, complementando um ao outro, nas expressões ‘que era um casal’ e ‘ou uma família também’. Ao reforçar que ‘duas pessoas do mesmo sexo não podem ter filhos e mesmo que adotem, não é a mesma coisa’, Sérgio reforça um dos fatores geradores de preconceito contra os homossexuais que buscam constituir uma família: a adoção de filhos. Muitas crianças e jovens, cujos pais e/ou mães são homossexuais, são discriminadas principalmente no ambiente escolar. Miskolci (2012) discute essa questão ao afirmar que a homofobia também atinge familiares e amigos de homossexuais, além de pessoas heterossexuais que possuam traços homossexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da categoria analítica de interdiscursividade, foi possível perceber a presença de marcas ideológicas da homofobia nos enunciados do professor Sérgio. O discurso de silenciamento das diversidades dialogou de forma harmônica com o discurso heteronormativo. Essa prática de silenciamento pode ser considerada, segundo Borrillo (2009), como uma agressão aos valores sociais fundadores da democracia, pois ser cidadão implica viver o gênero e a sexualidade, independentemente de quaisquer que sejam. É usufruir o direito de ir e vir sem ter a necessidade de se esconder em um perfil heteronormativo que enjaula o ser humano LGBT por meio do medo de sofrer com a violência que o rodeia.

Nessa perspectiva, orientar os discentes homossexuais a esconderem suas sexualidades, para que não sofram atos preconceituosos, pode contribuir para uma percepção de que a homossexualidade é algo considerado “errado” e que eles/as serão respeitados caso tenham um comportamento heterossexual. É preciso fazer emergir outros discursos em que sujeitos não heterossexuais possam existir e viver em todos os ambientes. Ao estipular um

comportamento heterossexual aos seus alunos homossexuais em determinados ambientes, o docente pode estar promovendo um silenciamento das diversidades sexuais, que pode produzir um campo de significações heterossexistas, deslegitimando “outros dizeres, outras vozes, outras possibilidades vivenciais e discursivas sobre a sexualidade e o gênero”. (POCAHY, OLIVEIRA e IMPERATORI, 2009, p. 18).

Para PocaHy, Oliveira e Imperatori (2009), as práticas discursivas heteronormativas são maneiras tácitas de atuações dos poderes. Os autores afirmam que, para promover a diversidade sexual, é necessário que ocorra uma política que transforme as relações de poder heteronormativas, assim como problematizar e refletir sobre pensamentos tidos como legitimados, que estabelecem quais vidas e formas de sexualidade são possíveis serem ditas e vividas. Em uma sociedade pós-moderna, em que grupos historicamente marginalizados conquistam vez e voz por meio de constantes lutas sociais, torna-se incoerente colaborar para o seu silenciamento, pois uma sociedade justa e igualitária é aquela em todos/as os cidadãos são livres para viverem sem se esconder em um perfil heteronormativo convencionalizado como o correto.

Os enunciados de Sérgio revelaram uma visão da instituição família em um modelo tradicional, constituída por pai, mãe e filho/a. Oliveira (2002) argumenta que, atualmente, a família transformou-se, no sentido de que se acentuam as relações de sentimentos entre os membros de um grupo. Lôbo (2009) elucida que essa mudança de rumos da instituição família é algo inevitável, pois, cada vez mais, a afetividade é a condição primordial para a constituição da mesma. O autor argumenta que a solidariedade, a cooperação entre membros e o respeito à dignidade de cada um destes são o alicerce da família pós-nuclear. Dessa forma, a adoção de filhos por um casal heterossexual ou homossexual, desde que realizada por meio do afeto e do carinho, integra esse modelo de família mais flexível, pluralístico, menos permanente e mais igualitário.

Pensar na instituição família nos dias atuais é reconhecer seu caráter humano, e não primordialmente biológico. A família pode ser constituída não apenas por ascendentes e descendentes, originando-se exclusivamente pelo matrimônio, mas também pelo sentimento de carinho mútuo de seus membros, envolvendo mais a afetividade do que a propriedade. Ela sai de um modelo patriarcal para um modelo eudemonista, em que a cooperação entre os indivíduos que a compõem são o seu alicerce, independentemente do sexo e dos padrões pré-estabelecidos.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Org.). *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: Letras Livres: Ed. UNB, 2009.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. The discourse of new labour: Critical Discourse Analysis. In: M. WETHERELL, S. TAYLOR & S. J. Yates (eds.). *Discourse as data: a guide for analysis*. London: Sage, 2001. p 229-266.

_____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FLOWER, R.; KRESS, G. Critical linguistics. In: FLOWER, Roger; HODGE, Bob; KRESS, Gunther; TREW, Tony. *Language and control*. London: Routledge & Kegan Paul, 1979.

HALLIDAY, M. A. K. An introduction to Functional Grammar. (1ª ed.). London: Edward Arnold, 1985.

_____. *An introduction to functional Grammar*. London: Edward Arnold. 2ª ed., 1994.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

_____. Heterossexualidade e Homofobia. In: JUNQUEIRA, R. (Org.). *Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009.

_____. Viajantes pós-modernos II. In: MOITA LOPES, L. P. da; BASTOS, L. C. (Org.). *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

JUNQUEIRA, R. O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas. Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2007.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz; CHAMUSCA, Adelaide; BRANDT, Maria Elisa;

HENRIQUES, Ricardo (Org.). *Gênero e diversidade sexual: reconhecer diferenças e superar preconceitos*. Brasília: MEC, 2007.

LIONÇO, T. DINIZ, D. A homofobia. (Org.). In: _____. *Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: LetrasLivres: Ed. UNB, 2009.

LÔBO, Paulo Luiz Neto. Princípio jurídico da afetividade na filiação. Disponível em: <<http://www.jus.com.br/doutrina/afetfili.html>>. Acesso em: 08 fev. 2009.

MARTIN, J. R. Close reading: functional linguistics as a tool for critical discourse analysis. In: UNSWORTH, L. (ed). *Researching language in schools and communities: functional linguistics perspectives*. London and Washington: Cassell, 2000, p. 275-302.

MISKOLCI, R. Teoria *Queer*: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica; Editora: UFOP, 2012.

OLIVEIRA, J. L. C. de; MUNIZ, Francisco José Ferreira Muniz. *Curso de direito de família*. 4. ed. Curitiba: Juruá, 2002. p. 13.

PAPA, S. M. de B. *Prática pedagógica emancipatória: o professor reflexivo em processo de mudança*. Um Exercício em Análise Crítica do Discurso. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

POCAHY, F.; OLIVEIRA, R.; IMPERATORI, T. Diversidade sexual, educação e sociedade: reflexões a partir do Programa Nacional do Livro Didático. In: LIONÇO, T. DINIZ, D. (Org.). *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: LetrasLivres: Ed. UNB, 2009.

RAMALHO, V. C. V. S. Constituição da Análise de Discurso Crítica: um percurso teórico metodológico. *Signótica*, v. 17, n. 2, jul./dez. 2005. p. 275-298

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. *Análise do discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RIOS, R. R. Homofobia na perspectiva dos Direitos Humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). *Diversidade sexual na escola: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Edições MEC/UNESCO, 2009. p. 53-83.

VAN DIJK. Critical Discourse Analysis. In: D. Tannen; D. Schiffrin, H. Hamilton (Org.). *Handbook of Discourse Analysis*. Oxford: Blackwell, 2001.

VIANNA, C.; RAMIRES, L. A eloquência do silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. In: LIONÇO, T. DINIZ, D. (Org.). *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. Brasília: LetrasLivres: Ed. UNB, 2009.

WARNER, M. (Ed.). *Fear of a queer planet*. Minneapolis: University of Minnesota, 1993.